



## **O FEMINISMO E A DITADURA MILITAR: ENTRE O OPRESSOR E O OPRIMIDO, A DA FORÇA DA MULHER**

LINCK, Ieda Márcia Donati<sup>1</sup>; SOUZA, Djovana Peres<sup>2</sup>

Resumo: Este resumo foi desenvolvido na disciplina de Português, do terceiro semestre do Curso de Jornalismo na Universidade de Cruz Alta – Unicruz, em 2017. Tem como intuito mostrar uma parte da história de mulheres que também lutaram contra o regime ditatorial brasileiro, que aconteceu de 1964 a 1985 e marcou a história do país, cujo mal feito a memória teima em guardar. Segundo o sociólogo Ridenti (2015), cerca de 20% dessas organizações de extrema-esquerda era composta por mulheres. Porém, esses dados estão embasados nos registros oficiais de processos de presos políticos, o que nos faz pensar que a porcentagem de mulheres envolvidas na militância à época seja bem maior do que 20%. Usando essa afirmação, podemos chegar à conclusão que os movimentos feministas que são debatidos nos dias atuais, estavam presentes em um tempo de tanta censura. Além disso, são inúmeros os casos de mulheres militantes ativas ou tímidas que receberam torturas diárias apenas por serem consideradas subversivas. Aliás, esse termo tinha a definição de acordo com a intenções dos algozes. Um dos casos mais famosos no país é o da ex-presidente eleita Dilma Rousseff, que contou detalhes para a Comissão Nacional da Verdade de como aconteceram as torturas, “Eu vou esquecer a mão em você. Você vai ficar deformada e ninguém vai te querer. Ninguém sabe que você está aqui. Você vai virar um ‘presunto’ e ninguém vai saber”, era uma das ameaças ouvidas de um agente público no período em que esteve presa. Tinha muito esquema de tortura psicológica, ameaças (“...”) você fica aqui pensando ‘daqui a pouco eu volto e vamos começar uma sessão de tortura”. A escritora Ana Maria Colling cita diversos desses casos no livro “A resistência da mulher à Ditadura Militar do Brasil (1997). Para ela, um dos motivos do papel das mulheres na ditadura ser tão abafado pela presença masculina é porque o tema ainda é considerado um tabu e a mulher deve ficar longe de todo tipo de debate. Sendo assim, nesse processo constitutivo, apresenta-se um ser tido como alguém sem pensamento crítico, que devesse apenas obedecer a seu “superior”, que supostamente seria o homem, construindo, assim, uma relação de machismo, de mando e de morte. Mesmo assim, a figura feminina pode ser vista de duas maneiras na ditadura: uma é como linha de frente dos movimentos da época, outra é a ação das mulheres frente às próprias questões de gênero. Para Celi Pinto (2014), quando na década de 1970 os ideais feministas ressurgem no mundo e no Brasil, as mulheres, já perseguidas pelas ditaduras, passam também a ser oprimidas por companheiros de resistência, que viam essa organização como uma potencial ameaça à luta. “Enquanto os militares diziam que o feminismo ameaçava a família, a tradição e a religião, em Paris, organizações que ajudavam os exilados ameaçaram cortar auxílios financeiros para famílias que tivessem mulheres feministas”. Como podemos ver, o movimento feminista sempre foi um exemplo de luta para as mulheres de todas as épocas, inclusive em períodos ditatoriais. Assim, ressalta-se a necessidade de se lutar por igualdade, respeito e escolha feminina nos dias atuais, pois, mesmo vivendo em uma “democracia” ainda há muito sobre o que lutar. Eis aí a importância deste texto.

**Palavras – Chaves:** Movimento Feminista. Ditadura Militar. Mulheres.

<sup>1</sup> Professora da UNICRUZ. Doutora em Linguística UFSM/UA-Portugal. Mestre em Educação-Uninorte. Mestre em Linguística na UPF. Coordenadora Proenem. Membro do GPJUR e GEL Unicruz. E-mail: imdlinck@gmail.com

<sup>2</sup> Acadêmica do terceiro período do Curso de Jornalismo da UNICRUZ. djo\_peres@hotmail.com